



A PEDAGOGIA DA ARTE E A DESESTABILIZAÇÃO DE DISCURSOS

Guaraci da Silva Lopes Martins¹

RESUMO: No presente artigo, proponho-me à reflexão sobre propostas cênicas desenvolvidas na formação de professores, todas elas com enfoque em discursos pautados nas diferenças baseadas em conceitos naturalizados e hierárquicos dos corpos. Em virtude de sua identificação de gênero e sexualidade, determinados sujeitos são alvo de variadas formas de opressão. Nesse sentido, considera-se urgente o avanço de projetos políticos e pedagógicos comprometidos com uma discussão mais abrangente sobre o caráter instável da construção das subjetividades.

PALAVRAS-CHAVE: gênero; sexualidade; identificação; subjetividade; desejo.

ABSTRACT: In this article I am going to analyse scenic proposals developed in teacher's instruction, all of them focused in speeches which are based on the differences found on naturalized and hierarchical concepts of the bodies. Due to their identification of gender and sexuality, some individuals are the target of several forms of oppression. One should consider urgent the progress in political and pedagogical projects which are committed to a wider discussion about the unstable character of the construction of the subjectivity.

KEYWORDS: theater pedagogy; gender; sexuality; desire; subjectivity.

Este artigo está relacionado ao meu interesse na investigação de regulamentações sociais que interferem, inevitavelmente, na percepção individual e coletiva relacionada às questões de gênero, sexualidade e desejo, entendendo que o teatro é um espaço profícuo para a problematização do *status quo* reificador da hegemonia heterossexual. Em minha práxis pedagógica, constatei que estratégias cênico-pedagógicas, mediadas pelo tema gênero e sexualidade pela vertente de teorias críticas, são sempre bem vindas em propostas que visam a contribuir para o empoderamento de determinados sujeitos nos espaços formais de educação e fora deles.

¹ Doutora em Teatro pela Universidade Federal da Bahia/UFBA, professora do Curso de Licenciatura em Teatro da Faculdade de Artes do Paraná; membro do GT Pedagogia do Teatro & Teatro e Educação da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas – ABRACE; líder do grupo de pesquisa Arte, Educação e Formação Continuada e integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas em Relações de Gênero e Tecnologia – GETEC do PPGTE/CEFET-PR.



Em seu dinamismo, o processo cênico oferece variadas possibilidades de encaminhamentos metodológicos para que as pessoas possam se manifestar por meio da cena. Para melhor exemplificar, as improvisações, os jogos dramáticos e teatrais viabilizam aos participantes a vivência de situações jamais experimentadas até então, muitas vezes contribuindo para ampliar a percepção sobre o sistema social que, persistentemente, atua no sentido da padronização dos sujeitos.

De acordo com o pesquisador francês Bruno Duborgel (1992), a arte é sempre colocada sob suspeita e vigilância na educação, pela sua capacidade de permitir que sujeitos imaginativos transgridam o sistema estabelecido nas diversas instituições sociais. Nesse sentido, a ilusão pode não interferir diretamente sobre a realidade; entretanto, na medida em que modifica a atitude subjetiva para com a realidade, indiretamente a modifica. As atividades dramáticas requisitam a utilização e o desenvolvimento da capacidade do sujeito de resolver problemas (conflitos) que resultam na ampliação da habilidade de fazer opções conscientes, propiciando o processo de pensamentos reflexivos, críticos e propositivos.

Em seu artigo sobre o ensino do teatro na escola pública, Carmela Soares (2006) defende que o verdadeiro aprendizado encontra-se no campo das relações, no enfrentamento de mundo e de valores diferentes, na negociação de ideias, no redimensionar constante de si mesmo e do mundo. Ou seja, o teatro tem o potencial de borrar, na cena da vida cotidiana, determinadas intervenções que ainda hoje marcam os nossos corpos e conferem a eles diferentes lugares sociais.

Lembro que o efeito de doutrinas naturalistas e conservadoras é a violação de direitos humanos, perpetrado pela homofobia em prejuízo de certos sujeitos e/ou grupos, contra quem a discriminação ainda hoje é dirigida. Trevisan (2007) lembra-nos que, em Salvador, um vereador evangélico organizou um centro para a recuperação de homossexuais, afirmando que: “Aqui nós ensinamos homem a ser homem”. O representante público ofereceu como receita uma férrea disciplina, misturada com leitura bíblica e terapia ocupacional. Trevisan também elabora um relato sobre um caso ocorrido no Rio de Janeiro, onde um núcleo de pastores criou um centro para reverter à homossexualidade, com métodos semelhantes aos dos Alcoólicos Anônimos. Nele, o paciente passava por várias etapas, batizadas com nomes bíblicos, até voltar totalmente à prática heterossexual.



Para Guacira Lopes Louro (2008), atualmente, a sexualidade permanece como alvo de controle de variadas instituições tradicionais, como o Estado, as igrejas ou a ciência. Na medida em que as chamadas “minorias” sexuais tornam-se mais visíveis, os ataques e a luta entre elas e os grupos conservadores tornam-se mais explícitos e acirrados. Se determinados setores demonstram crescente aceitação da pluralidade sexual, por outro lado, “setores tradicionais renovam (e recrudescem) seus ataques, realizando desde campanhas de retomadas dos valores tradicionais da família a manifestações de extrema agressão e violência física” (Louro, 2008, p. 28). Contudo, ainda que enfrentando variadas formas de violência e rejeição social, algumas pessoas questionam a lógica rigidamente estabelecida ao corpo desejanse e se arriscam na transgressão de limites.

Para o aprofundamento da reflexão sobre o tema normalidade/anormalidade, recorro a umas das cenas desenvolvidas por alguns dos participantes do *Curso de Extensão Gênero e as Múltiplas Sexualidades*, valendo esclarecer que, nesta etapa do curso, fundamentei-me nas propostas teatrais desenvolvidas por Augusto Boal.² A criação cênica em questão foi realizada por um grupo formado por quatro professoras, sendo que todas utilizaram figurinos e adereços cênicos disponibilizados no espaço.

Essa atividade teve início com a entrada de três docentes em cena, cada um com um gênero indefinido. No espaço da cena, elas apresentaram-se com roupas coloridas, chapéus, plumas e cachecóis, sem qualquer compromisso com a harmonia entre os figurinos, cores e adereços. Enquanto conversavam, as professoras caminhavam pelo espaço, utilizando gestos e movimentos distantes dos padrões convencionais. Em função de suas atitudes, o espectador pode perceber uma relação harmoniosa, principalmente por meio de fragmentos de frases e determinados gestos que transpareceram a afinidade existente entre elas.

Em determinado momento, uma das personagens apresentou-se em uma das extremidades da cena com um gênero definido como masculino. Ela usava um figurino muito comum em nosso

² Sob minha coordenação, o *Curso de Extensão Gênero e as Múltiplas Sexualidades* foi ofertado no ano de 2008 pela Faculdade de Artes do Paraná/FAP, envolvendo professores das redes públicas de educação, e também os estagiários do 4º do Curso de Licenciatura em Teatro, por meio da disciplina Estágio Supervisionado III ministrada por mim naquele período. Esse curso estava vinculado à tese de doutorado desenvolvida na Universidade Federal da Bahia-UFBA e defendida por mim no ano de 2009.



cotidiano: calça *jeans* e camiseta, assim como também caminhava de uma forma convencional. Sua forma de vestir e caminhar, diferente das demais, foi alvo de estranhamento no primeiro grupo, que passou a observá-la atentamente, aproximando-se dela com curiosidade, uma vez que estavam diante de um ser desviante dos padrões sociais aceitos pela maioria.

A improvisação teatral desenvolvida por essas professoras propõe-nos um exame minucioso de tipologias condicionantes da percepção dos gêneros que pressupõem uma correlação óbvia entre características, desejos e orientação. Tal unidade é produzida a partir do ato perceptivo, determinada pelos atributos do gênero construído sob um olhar naturalizado. A ruptura com a normalidade pela “exótica” personagem culminou com sua opressão pelas demais personagens que se reuniram em torno do diferente: sufocando-a. Sentindo-se acuada por aqueles outros corpos, esta personagem desvencilhou-se deles, abandonando o espaço hostil à sua presença. Após sua partida, as três pessoas em cena continuaram mantendo os mesmos comportamentos do início até o término. Concordando com a autora abaixo:

As formas idealizadas dos gêneros geram hierarquias e exclusão. Os regimes de verdades estipulam que certos tipos de expressões relacionadas com o gênero são falsos ou carentes de originalidade, enquanto outros são verdadeiros e originais, condenando a uma morte em vida, exilando em si mesmo os sujeitos que não se ajustam às idealizações (BENTO, 2006, p.94).

Com as novas tecnologias, antes mesmo do nascimento da criança, os investimentos discursivos são direcionados para a preparação do seu corpo, construído sobre proibições e afirmações estruturadas por uma rede de pressuposições sobre comportamentos, gostos e subjetividades que estruturam as *performances* de gênero. Em Berenice Bento (2006), lemos que o corpo é um texto socialmente construído, um arquivo da história do processo de produção-reprodução sexual que ganha inteligibilidade por intermédio da heterossexualidade condicionada e circunscrita pelas convenções históricas.

Ainda partimos de uma noção de corpo como alvo passivo sobre o qual se inscreve um conjunto de significados culturais, reforçando a ideia de uma essência masculina ou feminina, inscrita na subjetividade. Atualmente, essa separação é questionada em algumas perspectivas teóricas, a



exemplo dos estudos de Butler (2003), segundo a qual “ser” um sexo ou um gênero é fundamentalmente impossível. O gênero é o processo, por meio do qual se constrói a coerência do sexo, o que pressupõe uma prática e um desejo heterossexual, implicando, assim, uma revisão epistemológica do discurso naturalizante.

Gradativamente, o corpo molda-se às convenções que foram social e culturalmente estabelecidas para o gênero, marcadas pelo binarismo homem/mulher, e determinante também na forma de as pessoas manifestarem os seus sentimentos, emoções e desejos: “Nascer homem ou nascer mulher, em nossa sociedade, cria uma identidade em oposição à do sexo que não é o seu (o sexo oposto), distanciando-se dele e negando-o” (AUAD, 2003, p.57). Esta é a ordem a ser obedecida no sistema binário dos gêneros produtor e reprodutor da ideia de que o gênero reflete o sexo e todas as outras esferas constitutivas dos sujeitos estão associadas à naturalização dos corpos.

Por outro lado, para Guacira Lopes Louro (2001, p. 31), “na medida em que várias identificações — *gays*, lésbicas, *queers*, bissexuais, transexuais, travestis — emergem publicamente, elas também acabam por evidenciar, de forma muito concreta, a instabilidade e a fluidez das identidades sexuais”. A mobilização das categorias de sexo no interior do discurso político é assombrada pelas próprias instabilidades que as categorias produzem e integram. Nesse sentido, embora os discursos que mobilizam as categorias de identidade tendam a cultivar identificações a serviço de um objetivo político, pode ocorrer que a persistência da não identificação seja igualmente crucial para o processo democrático. Assim sendo, na medida em que determinadas pessoas não se ajustam às idealizações – base para a reprodução das normas de gênero —, elas também acabam por evidenciar, de uma forma muito concreta, a instabilidade e a fluidez das identificações sexuais.

O efeito e o impacto de suas experiências são fortemente políticos, pois o deslocamento afeta, não apenas suas próprias vidas, mas repercute na vida de seus contemporâneos. Ou seja, sujeitos que se constroem no espaço da resistência às normas regulatórias “afetam, assim, não só seus próprios destinos, mas certezas, cânones e convenções culturais” (LOURO, 2008, p. 24-25). Desta forma, evidenciam a pluralidade de interpretações e de construções de subjetividade com significados múltiplos, contrariando discursos pautados nas identidades monolíticas e coerentes.



Essa reflexão remete-me à prioridade de políticas educacionais interessadas no professor fundamentado em teorias voltadas para a multiplicidade do gênero, da sexualidade e dos corpos. Em Mary Garcia Castro Castro *et al* (2004), encontramos que a discriminação contra homossexuais, além de ser abertamente assumida, em particular por jovens alunos, é valorizada entre eles, “o que sugere um padrão de masculinidade por estereótipos e medo ao estranho próximo, o outro, que não deve ser confundido consigo” (2004, p. 280). Essa é uma realidade que merece a urgente reflexão e, posteriormente, implementação nos cursos de formação inicial e contínua de todas as pessoas que aspiram à função docente num processo de mudança de um sistema social marcado por binarismos hierarquicamente estabelecidos.

As diferenças existem, lembrando que é a partir delas que somos posicionados e nos posicionamos; é a partir delas que os diferentes grupos se fazem perceber no mundo, não como criaturas oriundas de um mundo natural, mas de um mundo social e cultural. Se as situações de violência relacionadas ao gênero acontecem na escola, devem ser alvo de discussão e reflexão na comunidade escolar. Afinal, se a escola reproduz as relações de classe, etnia, gênero e sexualidade existentes em nossa sociedade, também é um terreno cultural que confere poder ao educando e pode promover sua autotransformação.

Para Henry Giroux (1988), na perspectiva dos Estudos Culturais, os professores definem seu terreno político ao oferecerem aos estudantes discursos alternativos e práticas sociais críticas, cujos interesses estão em dissonância com o papel hegemônico da escola e com a sociedade que ela apóia. A escola é um espaço que precisa caminhar “de mãos dadas” com todos os processos que tendem a uma sociedade mais justa e igualitária.

Assim, as definições de pedagogia e currículo devem transcender os limites restritos ao domínio de técnicas e metodologias, pois “a pedagogia é definida como uma prática cultural que deve ser responsabilizada, ética e politicamente, pelas histórias que produz, pelas asserções que faz sobre as memórias sociais e pelas imagens do futuro que considera legítimas” (GIROUX, 2002, p.100). Nessa perspectiva, a escola, como espaço dedicado a formas de fortalecimento pessoal e social, deve oferecer aos estudantes a oportunidade para que desenvolvam a capacidade de



questionamento do sistema atual de dominação e submissão, preparando-os para a luta por esferas públicas democráticas.

A pedagogia *queer*, cujo foco está numa metodologia de análise e compreensão do conhecimento e das identificações sexuais, fundamenta-se na radicalização da possibilidade do livre trânsito entre as fronteiras da identidade. Essa pedagogia pode contribuir para o desenvolvimento do pensar *queer*, “que significa questionar, problematizar, contestar todas as formas bem-comportadas de conhecimento e de identidade” (SILVA, 2005, p. 107). Assim, a estranheza da sexualidade pode ampliar o nosso olhar para além de uma cultura dominante, hegemônica do conhecimento socialmente construído.

Concordando com Tomaz Tadeu da Silva (2005), a tolerância e o respeito para com a diversidade cultural, ainda que nos reportem a nobres sentimentos, impedem a compreensão da identidade e da diferença como processo de produção social que envolve relações de poder. Considero que, para além de tolerar, respeitar e admitir a diferença, importa desenvolver estratégias pedagógicas que expliquem como a tolerância é ativamente produzida, pois, se a diversidade biológica pode ser um produto natural, o mesmo não acontece com a diversidade cultural. Quando a teoria *queer* estende a hipótese da construção social para o domínio da sexualidade, está problematizando a identidade sexual considerada normal: a heterossexualidade compulsória imposta pela sociedade.

No filme *Tudo sobre minha mãe*, de Pedro Almodóvar, a personagem Agrado expressa, de uma forma contundente, a recusa da fixidez e da definição das fronteiras, para assumir a inconstância, a instabilidade das identidades. É Sonia Maluf (2002) quem nos chama a atenção sobre um momento específico dessa personagem, quando ela descreve para uma plateia de teatro a construção de seu corpo como um veículo e sentido da experiência. Em seu corpo, a autenticidade está no processo de fabricação. Quando argumenta que aquilo que tem de mais autêntico é o silicone, essa personagem revela que “o autêntico nela é justamente produto de sua criação, da intervenção de seu desejo, de uma agência própria” (MALUF, 2002). Atitude esta, aqui compreendida como transgressora de mecanismos de poder, cujas estruturas pautam-se em conceitos naturalizantes, pois esse corpo aparece e se afirma no próprio processo de construção/fabricação.



Por outro lado, a dita normalidade permanece reinando soberanamente. Nesse contexto, as definições sobre o corpo se fazem necessárias para a constituição das identificações sociais construídas por via de uma matriz de normas de gênero coerentes. Mas, se as representações, as classificações, a reciprocidade e tantos outros aspectos da cultura possuem grandes semelhanças, gerando, por isso mesmo, conceitos universais que nos identificam como humanos e sujeitos culturais, é de suma importância levar em conta suas particularidades.

Nessa perspectiva, é fundamental pensar em mulheres e homens, no plural. Por exemplo, entender que não existe uma única condição feminina tendo em vista as inúmeras diferenças entre as mulheres. Ênfase a relevância da articulação do gênero a outros aspectos da identidade social dos sujeitos, como classe, etnia, faixa etária, sexualidade, religião, entre outras. A subversão de conceitos pautados na ideia singular de masculinidade e de feminilidade culmina na inclusão das múltiplas formas de constituição dos sujeitos nas variadas esferas sociais.

As propostas teatrais desenvolvidas por Augusto Boal têm o potencial de transformar a cena em espaço político de reconstrução da realidade por meio do jogo com atores sociais. O Teatro do Oprimido está interessado em operar transformações individuais e coletivas com base no entendimento de que todos os sujeitos nele envolvidos — independentemente de serem ou não profissionais da área — podem levar para a cena variadas questões sociais.

Em Boal, o teatro deixa de ser uma técnica ou um domínio de especialistas, e o seu fazer passa a ser compreendido como uma relação de trabalho a ser construída coletivamente no processo de criação. Nessa proposta cênica, os sujeitos são livres para atuarem e se inter-relacionarem, reinventando-se para além de definições impostas por uma realidade estável e imutável: rompendo fronteiras tais como palco e plateia, ficção e realidade. Nesse caso, potencializam a cena como espaço privilegiado de revisão e criação de outras possibilidades na inter-relação social.

Para Silva (2005), tal como a teoria *queer*, também a pedagogia *queer* pode estender a compreensão e a análise das identificações de gênero e da sexualidade para a questão mais ampla do conhecimento. Considerando o teatro como espaço fértil para mudanças, tendo em vista que ele proporciona vivências que podem fomentar alternativas no cenário social, quando associado à pedagogia *queer*, esta arte é de suma importância em espaços educacionais.



Tal como mencionei anteriormente, no primeiro semestre do ano letivo de 2008, os alunos/estagiários do 4º ano do curso de Licenciatura em Teatro da FAP foram envolvidos em minha pesquisa de doutorado *“Encontro Marcado”: Um Trabalho Pedagógico com Performances Teatrais para a Discussão das Sexualidades em Espaços de Educação*, que teve como objeto de estudo uma metodologia de trabalho com o teatro com vistas a abordar questões de sexo, gênero e sexualidade em espaços formais e não formais de educação.

Esses estagiários desenvolveram o estágio obrigatório em variadas comunidades, onde tiveram a oportunidade de estimular o debate sobre processos de construção das subjetividades com pessoas de diferentes faixas etárias. Ou seja, norteados por projetos de ensino relacionados à pedagogia do teatro, eles realizaram as suas regências em espaços não formais de educação, buscando contribuir para a reflexão mais abrangente destas pessoas sobre as identificações dos sujeitos como uma construção, um processo de produção cultural. As discussões estimuladas naquelas comunidades foram acompanhadas de encenações baseadas em metodologias específicas do teatro, momento no qual padrões de comportamentos e atitudes eram levados para a cena.

O teatro proporcionou àquelas pessoas, a vivência de diferentes situações discriminatórias relacionadas ao gênero e à sexualidade. Nestas circunstâncias, os estagiários apresentaram outras possibilidades de identificação, sempre buscando a promoção de espaços para mudanças. Concordo com Boal (2007) quando da afirmação de que o debate, o conflito de ideias, a dialética, a argumentação e a contra-argumentação, elementos comuns em um processo cênico-criativo, estimulam, aquecem, enriquecem, preparam os sujeitos nele envolvidos para agir na vida em sociedade, em processos de mudança. Assim, o processo de encenação realizado pelos participantes do grupo culminava com o debate sobre os temas trabalhados, propiciando a troca de informações entre todos os envolvidos.

Os licenciandos em teatro enfrentaram o desafio de desestabilizar ideias, valores e concepções estabelecidas com raízes em normas culturais assimiladas pelo senso comum como verdades. A partir desse trabalho, em sua maioria, eles consideraram que o estudo relacionado às idealizações dos gêneros nos espaços educacionais requer o investimento em projetos políticos e pedagógicos, comprometidos com uma epistemologia capaz de contribuir para a subversão de



esquemas que tendem a impedir os sujeitos de se expressar ou vivenciar as suas relações afetivo-sexuais.

Concordo que verdades instituídas nos diferentes espaços sociais podem ser questionadas e transformadas. Por outro lado, o pensamento crítico e reflexivo não acontece ao acaso; ao contrário, precisa ser instigado e cultivado, requerendo certas condições, necessárias para seu desenvolvimento. Nessa esteira, a escola é parte importante desse processo. Dentre outros espaços institucionais dos quais participamos, a escola pode oferecer, à criança e ao adolescente, oportunidades ímpares de aprendizagem e de interação com seus pares.

O desafio está no entendimento dos professores de que as identidades são cambiantes, contestáveis e discursivamente construídas, para que possam estender essa discussão para o espaço da sala de aula, capaz de viabilizar a preservação ou o questionamento da concepção fortemente polarizada dos gêneros. Ora, os processos históricos que aparentemente sustentavam a fixação da identidade progressivamente desestabilizam-se diante das novas identificações que buscam os seus espaços no cenário social. Se essas práticas identitárias merecem a atenção docente, cabe a afirmação de que essa temática precisa incorporar-se tanto no currículo das escolas como no preparo do professorado.

Faz-se necessário, portanto, o investimento no ensino, de maneira crítica e potencialmente transformadora, para que os estudantes desenvolvam a oportunidade de aprender os conhecimentos e as habilidades necessárias para a vida em uma autêntica democracia. Afinal, enquanto as pessoas que escolhem seus iguais biológicos como parceiros afetivo-sexuais permanecerem sob o estigma doença-pecado-crime, o monopólio do desejo continuará restrito à relação homem-mulher; circunstância que exclui todas as outras formas de viver as práticas e os desejos sexuais que não correspondem aos padrões de comportamentos heterossexuais porque tidas como anormais, antinaturais.

No teatro, cada papel a ser explorado é uma promessa do envolvimento em novas situações e contextos retirados do mundo real ou imaginário. Especialmente a pedagogia do teatro proporciona a encenação de variadas temáticas, a partir de textos já elaborados, existentes no imenso repertório de obras dramáticas nacionais ou estrangeiras, assim como daqueles baseados na criação coletiva, a



partir dos mais diversos recursos. Dentre outros recursos, jornais, contos, fragmentos de texto, histórias de vida, composição musical, provérbios e situações do cotidiano são igualmente importantes em propostas teatrais que visam “ao nosso reconhecimento e percepção do mundo e de nós mesmos dentro dele” (SPOLIN, 1992, p. 13).

Vale a convicção de que por meio do teatro é possível a dramatização da própria vida cotidiana, colocando em xeque determinadas situações que merecem ser reavaliadas desde o período da infância. Essa área da Arte é, muitas vezes, compreendida nos espaços formais de educação como uma atividade de mero entretenimento, reconhecida apenas pelo seu produto final — o espetáculo — como único resultado a ser conquistado. Contudo, quando valorizado como área de conhecimento capaz de desencadear processos criativos, críticos e reflexivos, o teatro pode contribuir, sobretudo, para uma educação questionadora e transgressora.

REFERÊNCIAS

- AUAD, Daniela. *Feminismo: que história é essa?* Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- BENTO, Berenice. *A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual.* Rio de Janeiro: Garamond, 2006.
- BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade.* Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CASTRO, Mary Garcia *et al.* *Juventudes e Sexualidade.* Brasília: UNESCO, 2004.
- DUBORGEL, Bruno. *Imagário e Pedagogia.* Lisboa: Instituto Piaget, 1992.
- GIROUX, Henry. *Escola Crítica e política cultural.* Trad. Dagmar M.L. Zibas. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1988.
- _____. Praticando estudos culturais nas faculdades de educação. *In: Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação.* (Org. e Trad. Tomaz Tadeu da Silva). 4 ed. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 85-103.



LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: *O Corpo educado: pedagogias da sexualidade*. (org.) Guacira Lopes Louro et al. Belo Horizonte: autêntica, 2001.

_____. *Um corpo estranho. Ensaios sobre sexualidade e a teoria queer*. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MALUF, Sônia. *Corporalidade e desejo: Tudo sobre minha mãe e o gênero na margem*. Revista Estudos Feministas. v. 1/2, 2002.

SILVA, Tomaz Tadeu. *Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo*. 9 reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

SPOLIN, Viola. *Improvisação para o teatro*. 3 ed. trad. Ingrid Koudela. São Paulo: Perspectiva, 1992.

TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. 6 ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.